



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI  
CAMPUS DRA. JOSEFINA DEMES - FLORIANO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**ÁQUILA SOARES DE OLIVEIRA**

**A GEOGRAFIA DO COTIDIANO E A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO  
GEOGRÁFICO: UM ESTUDO NUMA ESCOLA MUNICIPAL DA ZONA  
RURAL DE FLORIANO-PI**

**FLORIANO-PI  
2025**

**ÁQUILA SOARES DE OLIVEIRA**

**A GEOGRAFIA DO COTIDIANO E A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO  
GEOGRÁFICO: UM ESTUDO NUMA ESCOLA MUNICIPAL DA ZONA  
RURAL DE FLORIANO-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),  
apresentado à Universidade Estadual do Piauí,  
Campus Floriano, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador(a): Prof. Dr. Anderson Felipe Leite  
dos Santos

FLORIANO-PI  
2025

O48g Oliveira, Áquila Soares de.

A geografia do cotidiano e a construção do raciocínio geográfico: um estudo numa escola municipal da zona rural de Floriano-PI / Áquila Soares de Oliveira. - 2025.  
40f.: il.

Monografia (graduação) - Curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual do Piauí, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Anderson Felipe Leite dos Santos".

1. Educação no Campo. 2. Raciocínio Geográfico. 3. Espaço Vivido. 4. Aprendizagem Significativa. I. Santos, Anderson Felipe Leite dos . II. Título.

CDD 910

## **ATA DE APROVAÇÃO**

**ÁQUILA SOARES DE OLIVEIRA**

### **A GEOGRAFIA DO COTIDIANO E A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO: UM ESTUDO NUMA ESCOLA MUNICIPAL DA ZONA RURAL DE FLORIANO-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Universidade Estadual do Piauí, Campus Floriano, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador(a): Prof. Dr. Anderson Felipe Leite dos Santos

Aprovado em: 12 de Novembro de 2025.

#### **BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Anderson Felipe Leite dos Santos – Universidade Estadual do Piauí  
Presidente da Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente  
**ANDERSON FELIPE LEITE DOS SANTOS**  
Data: 01/12/2025 12:57:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Jucélia Maria Rocha Oliveira – Universidade Estadual do Piauí  
Membro da Banca



Documento assinado digitalmente  
**JUCELIA MARIA ROCHA OLIVEIRA**  
Data: 27/11/2025 09:35:54-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Mariane Batista Messias – Universidade Estadual do Piauí  
Membro da Banca



Documento assinado digitalmente  
**MARIANE BATISTA MESSIAS**  
Data: 27/11/2025 12:17:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pois tudo o que ocorre conosco, seres humanos, está sob sua determinação. É por sua vontade que me encontro aqui, escrevendo estes agradecimentos. Deus é o Criador de todas as coisas que existem no espaço e do próprio espaço. Sem Ele, não somos nada. Muito obrigado, meu Jesus Cristo, por me conceder a oportunidade de expressar, por meio destas palavras, minha profunda gratidão.

Em segundo lugar, quero agradecer a todos os meus familiares e amigos que me apoiaram ao longo desta jornada: minha mãe, minha tia Inês, meu irmão Esdras e minha amiga e namorada Damiana, que esteve sempre ao meu lado, oferecendo apoio em todos os momentos e conhecendo profundamente as minhas batalhas para chegar até aqui. Ela foi a pessoa mais importante para que eu conseguisse concluir o curso de Geografia. Muito obrigado, Damiana! Tia Inês sempre fez e continua fazendo muito por mim. Mais uma vez, muito obrigada, tia!

Quero também expressar minha gratidão ao meu amigo e orientador, Professor Anderson, pelo apoio e pelos valiosos conselhos que me conduziram até a conclusão deste trabalho.

## RESUMO

Muitas escolas rurais no Brasil enfrentam o desafio de articular os conteúdos curriculares à realidade dos estudantes. No ensino de Geografia, essa dificuldade pode comprometer o desenvolvimento do raciocínio geográfico, fundamental para a compreensão das relações espaciais e socioambientais do mundo atual. Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar de que maneira o cotidiano dos discentes do 9º ano da zona rural de Floriano-PI contribui para a construção do raciocínio geográfico no ensino de Geografia. Trata-se de uma pesquisa de abordagem mista, com dados quantitativos e qualitativos, a partir de um estudo de caso, que utilizou um questionário estruturado com quatro questões abertas e seis fechadas, aplicado a nove estudantes do referido município. O estudo busca compreender como o espaço vivido influencia o processo de aprendizagem e como o ensino pode se tornar mais significativo ao dialogar com a realidade dos educandos. Os resultados evidenciaram que a maioria dos estudantes demonstra interesse pela disciplina, especialmente quando os conteúdos se relacionam às vivências no campo, como agricultura, meio ambiente e clima. Verificou-se, contudo, que a contextualização dos conteúdos ainda é limitada, devido à falta de recursos didáticos e à ausência de metodologias mais participativas. Conclui-se que o cotidiano constitui uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, pois permite ao discente entender as relações entre sociedade e natureza e reconhecer-se como sujeito ativo na transformação do espaço.

**Palavras-chave:** educação no campo; raciocínio geográfico; espaço vivido; aprendizagem significativa.

## **ABSTRACT**

Many rural schools in Brazil face the challenge of aligning curricular content with the reality of their students. In the teaching of Geography, this difficulty can compromise the development of geographic reasoning, which is essential for understanding the spatial and socio-environmental relationships of the contemporary world. This Undergraduate Thesis aims to analyze how the daily life of 9th-grade students in the rural area of Floriano-PI contributes to the construction of geographic reasoning in Geography education. It is a mixed-methods study, combining quantitative and qualitative data, based on a case study, which employed a structured questionnaire with four open-ended and six closed-ended questions, applied to nine students from the municipality. The study seeks to understand how the lived space influences the learning process and how teaching can become more meaningful when it engages with the students' reality. The results showed that most students demonstrate interest in the subject, especially when the content relates to rural experiences such as agriculture, environment, and climate. However, it was found that the contextualization of content is still limited due to the lack of teaching resources and the absence of more participatory methodologies. It is concluded that daily life constitutes an essential tool for developing geographic reasoning, as it allows students to understand the relationships between society and nature and to recognize themselves as active agents in the transformation of space.

**Keywords:** rural education; geographic reasoning; lived space; meaningful learning.

## **LISTA DE GRÁFICOS E QUADRO**

Gráfico 1 – Interesse dos estudantes pela disciplina de Geografia .....	19
Gráfico 2 – Relação entre os conteúdos geográficos e o cotidiano dos discentes .....	21
Gráfico 3 – Geografia ajudam você a compreender melhor o lugar onde vive .....	23
Gráfico 4 – Uso de recursos didáticos pelo professor .....	25
Gráfico 5 – Abordagem de temas sobre a zona rural nas aulas de Geografia.....	26
Quadro 1 – Percepção sobre a contribuição da Geografia para a melhoria da comunidade .....	28



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	12
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	16
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	18
4.1	Resultado e análise dos dados quantitativos .....	18
4.2	Resultado e análise dos dados qualitativos.....	29
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	36
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO</b> .....	38

## 1 INTRODUÇÃO

Em um mundo de rápidas transformações sociais, tecnológicas e ambientais, entender o espaço em que vivemos é essencial para formar cidadãos críticos e participativos. Nesse contexto, a Geografia desempenha um papel importante ao ajudar os alunos a interpretar as relações entre sociedade e natureza nas diferentes temporalidades e espacialidades, identificando desigualdades e refletindo sobre soluções que contribuam para um futuro mais justo e sustentável. Além disso, um ensino de Geografia conectado ao cotidiano e à realidade direta dos educandos constitui uma ferramenta pedagógica potente, pois favorece a compreensão do mundo e a atuação crítica sobre ele.

A escolha do tema desta pesquisa, que considera o cotidiano dos alunos como ponto de partida para aprendizagens mais dinâmicas e contextualizadas, justifica-se pela necessidade de aproximar o ensino de Geografia da realidade dos estudantes, especialmente em contextos rurais. Busca-se compreender como as experiências diárias e o espaço vivido pelos discentes podem tornar a aprendizagem mais significativa, valorizando os saberes locais e favorecendo uma compreensão crítica das relações socioespaciais.

Concebe-se que ensinar Geografia nas escolas constitui um desafio que ultrapassa a simples transmissão de conteúdos. É necessário estabelecer conexões entre o conhecimento escolar e a vida dos estudantes, que carregam consigo saberes valiosos, muitas vezes ignorados pelos currículos tradicionais. Freire (1996, p. 15) destaca que ensinar exige “respeito aos saberes dos educandos”, reconhecendo-os como sujeitos com histórias, culturas e conhecimentos próprios. Quando a escola valoriza esse universo, não apenas ensina, mas também fortalece identidades e amplia a capacidade de apreender criticamente o espaço vivido.

Nesse sentido, Callai (2010) destaca que o estudo do lugar promove sentimentos de identidade e pertencimento, favorecendo que o educando se reconheça como parte ativa na construção do espaço. Reconhecer e valorizar esse conhecimento configura um ato pedagógico e social que incentiva o envolvimento e a participação na transformação da própria realidade.

O ensino de Geografia, especialmente em escolas rurais, enfrenta o desafio de conectar o conteúdo didático à realidade dos alunos. Muitas vezes, as práticas pedagógicas desconsideram o dia a dia, as experiências e a dinâmica socioespacial vivenciados pelos estudantes, o que prejudica o desenvolvimento do raciocínio geográfico habilidade essencial para perceber as relações espaciais, sociais, econômicas e ambientais que estruturam o mundo atual.

Segundo Santos (1996, p. 63), “o espaço é formado por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”, apontando que o cotidiano, moldado pelas práticas e relações sociais, é central para um ensino de Geografia significativo. Por isso, é fundamental considerar o espaço vivido pelos estudantes como um recurso pedagógico, principalmente no contexto rural.

Nesse momento da formação escolar, os alunos já possuem um conjunto de experiências e conhecimentos que lhes conferem maior maturidade intelectual e cognitiva, favorecendo a reflexão crítica, a análise espacial e a compreensão das dinâmicas socioespaciais. Além disso, a realidade rural em que vivem possibilita que percebam os conceitos geográficos de forma mais concreta e significativa, promovendo a articulação entre os saberes escolares e o cotidiano.

Callai (2010) argumenta que a “Geografia do Cotidiano” valoriza o lugar como dimensão real da vida das pessoas, estabelecendo conexões entre o conhecimento escolar e as experiências vividas. Essa abordagem contribui para um raciocínio geográfico que vai além da memorização, priorizando uma leitura crítica do espaço. Freire (1996) corroboram a importância de usar o cotidiano como base da aprendizagem, enquanto Cavalcanti (2006) afirma que o ensino de Geografia deve articular teoria e prática, superando métodos tradicionais e aproximando-se das realidades locais dos alunos.

Desse modo, utilizar o cotidiano como ponto de partida para a construção do conhecimento abre possibilidades para atividades mais contextualizadas, críticas e relevantes. Diante disso, formula-se o seguinte problema de pesquisa: *De que maneira o cotidiano dos alunos da zona rural pode ser utilizado para a construção do raciocínio geográfico no ensino de Geografia?*

Esta pesquisa foi desenvolvida com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal localizada na zona rural de Floriano, Piauí. Embora todas as turmas desse nível de ensino sejam propícias ao desenvolvimento do raciocínio geográfico, optou-se por trabalhar com esse público por se tratar do grupo mais avançado dessa etapa escolar.

Dessa forma, o objetivo geral desta investigação é analisar de que maneira o cotidiano dos discentes do 9º ano da zona rural de Floriano-PI contribui para a construção do raciocínio geográfico no ensino de Geografia.

Os objetivos específicos foram: a) compreender as percepções dos alunos sobre o espaço em que viviam e suas relações com os conteúdos de Geografia; b) analisar como os conteúdos geográficos do 9º ano puderam ser contextualizados a partir da vivência no espaço rural; c) investigar ações didáticas que valorizaram o espaço vivido como ponto de partida para o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Por fim, trata-se de uma pesquisa de abordagem mista, que gerou dados quantitativos e qualitativos. Com base em um estudo de caso, buscou-se compreender como o espaço vivido influencia o processo de aprendizagem e de que forma o ensino pode se tornar mais significativo ao dialogar com a realidade dos educandos.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensino de Geografia parte da realidade dos alunos, respeitando suas experiências, identidades e saberes locais. Essa perspectiva torna-se especialmente relevante em escolas rurais, onde o conhecimento do território e as práticas culturais dos estudantes, muitas vezes, são negligenciados pelos currículos escolares tradicionais. Assim, conceber o cotidiano como fundamento do processo educativo é essencial para construir um ensino de Geografia que favoreça o raciocínio crítico e o pertencimento ao espaço vivido.

Essa concepção está em harmonia com a proposta freiriana de educação libertadora. Freire (1996, p. 15), em *Pedagogia da autonomia*, enfatiza que ensinar exige “respeito aos saberes dos educandos”. O autor defende que o conhecimento deve ser construído coletivamente, em um processo de diálogo e troca, no qual o aluno é reconhecido como sujeito histórico e cultural. A aprendizagem, nesse sentido, ultrapassa a simples transmissão de conteúdos, transformando-se em um ato político e emancipador, orientado pela ética e pelo compromisso social do educador.

Ao trazer essa reflexão para o ensino de Geografia, percebe-se que a prática docente deve favorecer a leitura crítica do espaço e o reconhecimento do aluno como agente transformador de sua realidade. Freire (1996, p. 25) enfatiza que “não há docência sem discência”, ou seja, ensinar implica um processo mútuo de aprendizagem entre professor e estudante. Essa concepção indica a necessidade de a escola valorizar as vivências dos alunos como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos.

Por isso, o ensino de Geografia ancorado no cotidiano dos alunos assume um papel fundamental no processo educativo, ao aproximar o conhecimento científico da realidade vivida. Ao considerar as experiências, os saberes e as práticas socioculturais dos estudantes, o ensino deixa de ser um simples repasse de conteúdos e passa a configurar-se como uma prática significativa e transformadora. Assim, o cotidiano atua como ponte entre o conhecimento escolar e a vida concreta, favorecendo o desenvolvimento do raciocínio geográfico, o fortalecimento das identidades dos sujeitos e a construção de uma consciência crítica sobre o espaço em que vivem.

Callai (2010) destaca que o estudo do lugar é uma estratégia didática essencial para o desenvolvimento da identidade e do sentimento de pertencimento dos alunos, constituindo-se como um espaço vivido e construído pelas relações humanas. Nesse sentido, a autora afirma:

Quando a pesquisa na escola se apresenta como a possibilidade de busca, investigação e produção do conhecimento, trata-se de um conhecimento que sirva para a vida do aluno, tanto na perspectiva de se reconhecer como um sujeito que tem uma identidade e que percebe o seu pertencimento, quanto no desenvolvimento cognitivo que lhe permita ler o mundo e viver de modo decente (Callai, 2010, p. 3).

Portanto, o estudo do lugar aproxima o conteúdo escolar da realidade dos alunos, permitindo que reconheçam a importância da Geografia em sua vida cotidiana. Essa abordagem torna-se ainda mais relevante em contextos rurais, onde a escola constitui o principal espaço de valorização da cultura local e de reflexão sobre o território vivido.

Milton Santos (1996, p. 51), em *A natureza do espaço*, define o espaço geográfico como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. Essa perspectiva amplia a visão da Geografia para além da descrição física do território, revelando-o como resultado das interações entre sociedade, técnica e natureza. O espaço é entendido como dinâmico, mutável e constantemente (re)produzido pela ação humana, o que exige do ensino geográfico uma abordagem crítica, interpretativa e reflexiva, voltada à compreensão das múltiplas dimensões da realidade.

No campo educacional, compreender o espaço como uma totalidade viva implica formar o aluno para perceber as contradições que o cercam, como as desigualdades sociais, transformações ambientais e dinâmicas territoriais e, a partir disso, desenvolver o raciocínio geográfico como instrumento de leitura e intervenção no mundo. Essa visão dialética contribui para o fortalecimento de uma prática docente que estimula o questionamento, a análise crítica e a articulação entre o local e o global, permitindo ao estudante entender o espaço como produto e condição da vida social.

Dessa forma, as contribuições de Santos (1996) são relevantes para o ensino de Geografia, ao propor que o espaço seja entendido como uma construção coletiva, marcada por relações de poder, trabalho e cultura. No contexto escolar, essa abordagem permite ao professor mediar o conhecimento de forma contextualizada, relacionando as experiências dos alunos com fenômenos espaciais mais amplos. Dessa maneira, o ensino de Geografia deixa de ser apenas descritivo, tornando-se um processo formativo, crítico e transformador.

Cavalcanti (2006) destaca a importância de superar práticas tradicionais de ensino baseadas na memorização e na fragmentação do conhecimento. O ensino de Geografia, segundo

a autora, deve possibilitar ao aluno entender a realidade em que vive, relacionando os conteúdos escolares com as experiências cotidianas. Essa perspectiva defende uma prática pedagógica que articula teoria e prática, promovendo a autonomia intelectual e o pensamento crítico dos estudantes.

Nesse sentido, Cavalcanti (2006, p. 35) enfatiza que

O ensino de Geografia deve possibilitar ao aluno compreender a realidade em que vive, percebendo as relações existentes entre os fenômenos naturais e sociais e reconhecendo-se como sujeito participante dessa realidade. Para isso, é necessário que o professor supere a prática tradicional, centrada na simples memorização de conteúdos, e construa situações de aprendizagem que envolvam o aluno de forma crítica e participativa. A formação docente, nesse sentido, precisa integrar teoria, prática e pesquisa, permitindo que o educador desenvolva uma postura investigativa diante do conhecimento e da realidade escolar, tornando-se mediador no processo de construção do saber geográfico.

Dessa forma, o papel do professor é ressignificado, assumindo a mediação do processo de aprendizagem e criando condições para que o aluno se torne sujeito ativo na construção do conhecimento geográfico. Assim, a Geografia escolar passa a ser compreendida como uma disciplina com potencial para formar cidadãos críticos, conscientes e atuantes na transformação da realidade em que vivem.

Porto-Gonçalves (2006) destaca que o território deve ser entendido como uma construção social, resultado das relações históricas e culturais que o moldam. Nesse sentido, o autor afirma que “[...] os territórios não são substâncias a-históricas e que são, sempre, inventados e, como tais, realizam concretamente os sujeitos históricos que os instituíram” (Porto-Gonçalves, 2006, p. 19). Esse entendimento contribui para descolonizar o pensamento geográfico, ao reconhecer o território como espaço de identidades, poder e diversidade cultural.

Ao incorporar essa perspectiva no ensino de Geografia, o professor amplia a compreensão do aluno sobre o território, reconhecendo as múltiplas vozes e identidades que o compõem. Isso, por sua vez, favorece a valorização da diversidade cultural e o respeito às diferentes formas de viver e produzir o espaço.

Vesentini (1987) é um dos principais representantes da Geografia Crítica no Brasil, propondo uma ruptura com o ensino tradicional da disciplina, que se limita à memorização de nomes e localizações. Para o autor, o ensino ultrapassa o caráter meramente descritivo e possibilita ao aluno perceber as dinâmicas sociais e econômicas que estruturam o espaço geográfico. Desse modo, a Geografia escolar tem um papel formativo e reflexivo, com potencial de despertar a consciência crítica dos estudantes diante da realidade.

Segundo Vesentini (1987, p. 88), “a Geografia Crítica não é um novo discurso. É, fundamentalmente, uma nova proposta de práxis social”. Com essa afirmação, o autor esclarece que ensinar Geografia significa muito mais do que transmitir conteúdos; trata-se de desenvolver práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social. A Geografia Crítica, portanto, propõe que o ensino se torne um instrumento de análise e de questionamento das contradições sociais, possibilitando ao aluno perceber seu papel na sociedade e no espaço que habita.

Essa interpretação transforma o ensino de Geografia em um processo político e emancipador, voltado à formação de cidadãos conscientes e atuantes. O professor, ao assumir esse posicionamento pedagógico, contribui para que o estudante perceba o espaço como produto das relações humanas, culturais e econômicas. Dessa forma, o aprendizado deixa de ser uma simples reprodução de informações para se tornar uma prática educativa que valoriza a reflexão, a criticidade e a construção coletiva do conhecimento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNs) reafirmam a necessidade de uma educação voltada à diversidade, inclusão e equidade (Brasil, 2013). O documento destaca que a escola deve respeitar as especificidades culturais e territoriais dos alunos, especialmente os que vivem em contextos rurais, historicamente marginalizados. Nesse sentido, a Geografia favorece a valorização da pluralidade e o fortalecimento da cidadania.

De forma complementar, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) propõe que o ensino de Geografia possibilite aos alunos entender o espaço em suas múltiplas dimensões, desenvolver o pensamento espacial e atuar de forma ética e responsável. A BNCC incentiva práticas pedagógicas contextualizadas e integradoras, nas quais o conhecimento geográfico se articula ao cotidiano, estimulando o protagonismo discente.

Além da BNCC e das Diretrizes Curriculares Nacionais, destaca-se que a Educação do Campo possui orientações próprias que asseguram a articulação do ensino com o território e os modos de vida das populações rurais. Nessa perspectiva, o ensino de Geografia deve favorecer a compreensão do espaço vivido, valorizando os saberes locais e fortalecendo a formação crítica dos sujeitos do campo. Isso se alinha ao princípio de que “a educação é um direito, condição essencial para o desenvolvimento” (Fernandes; Tarlau, 2017, p. 555), reforçando a necessidade de práticas pedagógicas contextualizadas que permitam aos estudantes interpretar e transformar sua realidade.

Dessa forma, o trabalho docente no campo deve promover aprendizagens significativas que contribuam para a permanência com qualidade no território, estimulando a cidadania e a participação social das comunidades rurais. A Geografia, nesse contexto, assume papel estratégico ao possibilitar que os estudantes compreendam as dinâmicas socioambientais que



caracterizam o campo, reconheçam sua identidade e participem das decisões sobre o uso e transformação do espaço onde vivem.

Diante do exposto, a fundamentação teórica desta pesquisa sustenta-se em uma abordagem crítica e emancipadora da educação geográfica. Ao se apoiar em estudiosos como Paulo Freire, Helena Copetti Callai, Milton Santos, Lana de Souza Cavalcanti, Carlos Walter Porto-Gonçalves e José William Vesentini, além das contribuições de Bernardo Mançano Fernandes e Rebecca Tarlau no debate sobre a Educação do Campo, considera-se que ensinar Geografia significa construir, junto aos alunos, pontes entre a realidade vivida e o conhecimento científico.

Essa visão sublinha o papel da escola como espaço de diálogo, valorização dos saberes locais e formação cidadã. No contexto rural, onde o cotidiano expressa uma profunda relação entre o homem e o meio, o ensino de Geografia torna-se uma ferramenta importante para o desenvolvimento do raciocínio geográfico e da consciência ambiental. Assim, o espaço vivido é reconhecido não apenas como objeto de estudo, mas como campo de experiências, aprendizagens e transformações sociais.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com uma abordagem **mista**, ou seja, contou com dados quantitativos e qualitativos. Conforme afirmam Viana *et al.* (2024, p. 65), “as pesquisas mistas revelam-se essenciais para a compreensão mais abrangente das questões educacionais”.

A pesquisa caracterizou-se como **qualitativa**, uma vez que priorizou as experiências dos estudantes e os significados que estes atribuem ao ensino de Geografia em seu contexto social. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa considera que o fenômeno educacional deve ser entendido em seu contexto natural, interpretando ações, discursos e relações sociais presentes no processo de ensino e aprendizagem (Lüdke; André, 2013).

Ademais, o enfoque qualitativo valoriza as percepções, os significados e as relações estabelecidas no ambiente escolar e em seu cotidiano. De acordo com Godoy (1995, p. 62), esse tipo de estudo “[...] têm como preocupação fundamental o entendimento dos fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada”. Assim, essa abordagem possibilita uma análise mais profunda dos fenômenos educacionais, levando em conta a complexidade do processo de ensino e aprendizagem e a multiplicidade de fatores que influenciam o desenvolvimento do raciocínio geográfico dos estudantes.

Já a pesquisa **quantitativa**, segundo Creswell (2010 *apud* Viana *et al.*, 2024, p. 64), “[...] utiliza diferentes técnicas estatísticas para quantificar informações para um determinado estudo, ou, em outras palavras, é um meio para testar teorias, examinando a relação entre as variáveis”. O que se pretende é identificar padrões e tendências, a partir das respostas dos participantes, que possam representar o comportamento ou a percepção de um grupo mais amplo de estudantes, contribuindo para uma análise objetiva do processo de ensino-aprendizagem em Geografia.

Assim para o desenvolvimento desta pesquisa, foram aplicados questionários (Apêndice A), realizadas observações em sala de aula e desenvolvidas atividades pedagógicas articuladas à realidade dos estudantes. Adotou-se a premissa de que o conhecimento geográfico se constitui pela experiência e pela observação do espaço vivido, de modo que a valorização do cotidiano se torna essencial para o desenvolvimento de uma consciência espacial crítica.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa **descritiva e exploratória**. A pesquisa descritiva tem como finalidade apresentar e analisar características de um grupo ou fenômeno, sem a interferência do pesquisador. Segundo Vergara (2007, p. 47), “a pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza”. Já a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e passível de investigação. Conforme Gil (1999, p. 43), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

A modalidade de pesquisa adotada foi o estudo de caso, por se concentrar em um contexto específico, isto é, o ensino de Geografia em uma escola municipal localizada na zona rural do município de Floriano-PI. Yin (2001, p. 33) concebe o estudo de caso como uma “[...] investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Essa escolha metodológica possibilitou compreender como o cotidiano dos alunos influencia o desenvolvimento do raciocínio geográfico e a construção de uma aprendizagem significativa.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado, composto por dez questões, sendo seis fechadas e quatro abertas, elaborado com base nos objetivos específicos da pesquisa. O questionário abordou temas como a relação entre a disciplina de Geografia e o cotidiano dos estudantes, o interesse pela área, as metodologias de ensino utilizadas e a percepção dos alunos sobre o papel da Geografia na compreensão do

espaço vivido. O instrumento foi aplicado de forma presencial e individual, garantindo a compreensão das perguntas e o sigilo das respostas.

O público participante foi composto por nove alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, pertencentes a uma escola municipal da zona rural de Floriano-PI. Esses alunos representam um recorte de um universo de vinte e um estudantes matriculados na referida turma. A amostra, portanto, correspondeu a aproximadamente 43% do total de alunos, sendo considerada suficiente para refletir as percepções gerais do grupo, conforme os princípios da pesquisa qualitativa, que privilegia a profundidade da análise sobre a amplitude numérica.

A coleta de dados foi realizada em outubro de 2025, no período letivo regular, com a autorização da direção da escola e o consentimento livre e esclarecido dos participantes. As respostas obtidas foram organizadas, analisadas e interpretadas com base na análise qualitativa de conteúdo, considerada uma técnica que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 2001, p. 22). Além disso, realizou-se quantificação dos dados por meio de procedimentos de análise quantitativa. A partir disso, foi possível identificar categorias temáticas relacionadas às percepções dos alunos sobre o ensino de Geografia e o cotidiano.

Por fim, os dados foram discutidos à luz do referencial teórico de autores como Freire (1996), Callai (2010), Cavalcanti (2006) e Santos (1996), de modo a entender como o ensino de Geografia pode favorecer o desenvolvimento do raciocínio geográfico e contribuir para a valorização da realidade local e do espaço vivido.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esta seção apresenta e discute os resultados obtidos, pautados nas respostas ao questionário aplicado a nove estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, o que possibilitou identificar tendências e percepções relevantes acerca do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia em contexto rural. A utilização de perguntas abertas e fechadas favoreceu uma análise mista dos dados, contemplando dimensões qualitativas e quantitativas para uma melhor inferência dos resultados. A articulação dos resultados com o arcabouço teórico pretendeu evidenciar as relações entre o ensino de Geografia, o cotidiano dos estudantes e as especificidades do contexto rural.

### **4.1 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS QUANTITATIVOS**

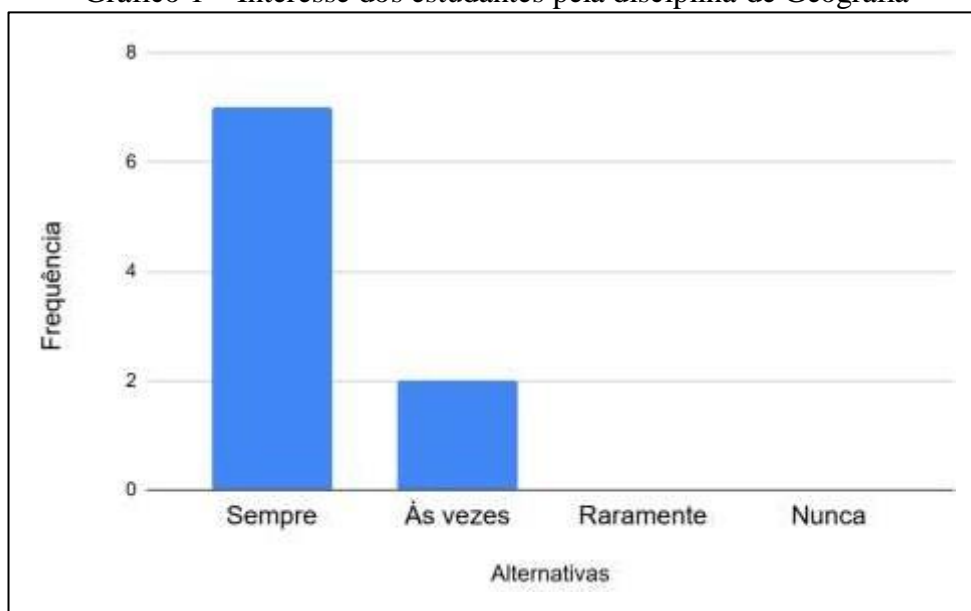
A etapa quantitativa permitiu mensurar fenômenos estudados de modo numérico, assegurando análises objetivas e estatisticamente verificáveis. Segundo Viana *et al.* (2024, p. 64), “uma das potencialidades da abordagem quantitativa é a capacidade de generalizar, com confiança, os resultados obtidos para a população-alvo”.

Na sequência, apresentam-se as análises referentes à percepção geral dos estudantes sobre a disciplina de Geografia, as abordagens do professor durante as aulas, assim como sobre a forma pela qual relacionam os conteúdos abordados às experiências do cotidiano rural.

A **primeira** pergunta avaliou o gosto/interesse dos estudantes pela disciplina Geografia. A análise revelou que, entre os nove estudantes participantes, sete (77%) afirmaram gostar sempre de estudar Geografia, enquanto dois (23%) responderam “às vezes”. Nenhum aluno marcou as opções “raramente” ou “nunca”. Esses resultados mostram um alto nível de interesse pela disciplina, revelando que a Geografia é percebida pelos alunos como um componente curricular relevante e atrativo.

O gosto pela Geografia mantém relação direta com a forma como ela é ensinada e com a sua capacidade de dialogar com a realidade cotidiana dos estudantes. Isso pode ser percebido no Gráfico 1, abaixo.

Gráfico 1 – Interesse dos estudantes pela disciplina de Geografia



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O Gráfico 1 revela que a maioria dos alunos mantém uma percepção positiva da Geografia, o que atesta o potencial da disciplina em despertar curiosidade e engajamento. De acordo com Freire (1996), o ato de aprender é indissociável do contexto de vida do educando; portanto, o interesse surge quando o conteúdo está inserido em uma prática pedagógica

significativa e dialógica. Essa visão alinha-se ao conceito de educação libertadora, em que o professor deixa de ser mero transmissor de informações para tornar-se mediador do conhecimento, estimulando o aluno a pensar criticamente sobre o mundo que o cerca.

O fato de nenhum aluno indicar desinteresse mostra que, mesmo com limitações estruturais como falta de recursos tecnológicos como Datashow, o ensino de Geografia consegue manter o envolvimento dos estudantes. Isso reitera a importância da contextualização do ensino, destacada por Cavalcanti (2006), que defende a necessidade de aproximar os conteúdos da experiência cotidiana dos alunos. Se o aluno percebe as relações entre o que aprende e o espaço em que vive, o ensino de Geografia torna-se realmente significativo. Portanto, a curiosidade e o prazer pelo estudo resultam diretamente dessa conexão entre teoria e prática.

O interesse dos alunos pela Geografia pode ser interpretado como um reflexo da valorização do espaço vivido. Segundo Santos (1996), o espaço geográfico é resultado das ações humanas e da dinâmica social que molda o território. Assim, os conteúdos escolares devem abordar temas como o campo, o relevo, o clima e as práticas agrícolas, considerando suas especificidades, para auxiliar os estudantes a reconhecerem-se como parte ativa do espaço e a assimilarem que a Geografia explica sua própria realidade. Isso despertará o sentimento de pertencimento e o engajamento, tornando o aprendizado mais concreto e significativo.

Outro aspecto relevante é o papel do professor nesse processo. De acordo com Callai (2010), o ensino de Geografia deve ser um caminho para a formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de entender o espaço como construção social. A autora ressalta que o professor precisa criar situações em que o aluno relacione o conteúdo com suas experiências de vida, valorizando o lugar e a cultura local. Com essa valorização, a disciplina deixa de ser apenas uma obrigação curricular e passa a ter sentido para o aluno.

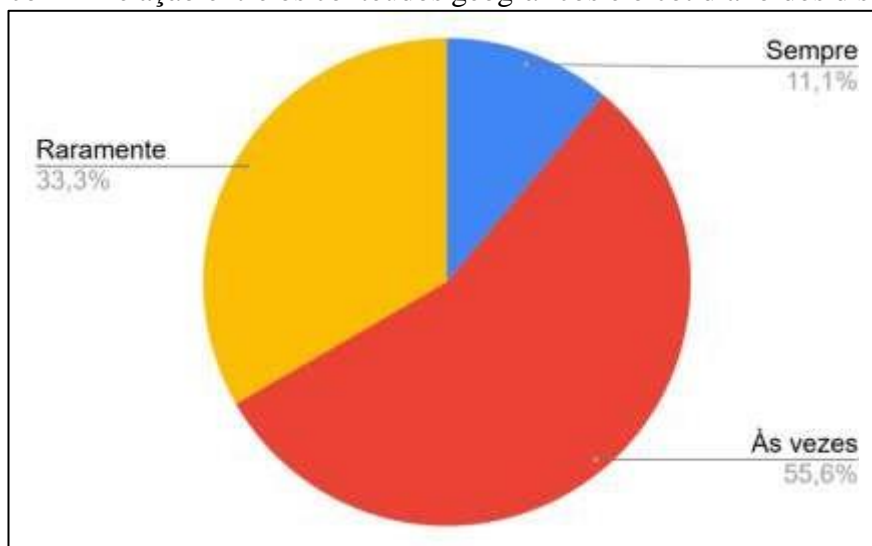
Por fim, observa-se que o interesse demonstrado pelos estudantes aponta a relevância da Geografia como disciplina formadora da consciência espacial e cidadã. O entusiasmo em aprender evidencia o potencial da Geografia em promover uma leitura crítica e reflexiva do mundo. Nesse contexto, Freire (1996, p. 47) enfatiza que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção”, reforçando que o processo educativo deve estimular a autonomia e a construção do saber. Assim, o gosto pela disciplina constitui o primeiro passo para o desenvolvimento de um raciocínio geográfico sólido, que transforma a percepção dos alunos sobre o espaço e o papel que desempenham na sociedade.

Esse resultado indica que os alunos compreendem a importância da Geografia não apenas como disciplina escolar, mas como um instrumento que os ajuda a interpretar o espaço e reconhecer o papel que desempenham nele. A valorização do lugar e do cotidiano deixa claro o vínculo entre o conhecimento e a experiência de vida, tornando o aprendizado mais significativo.

Nesse sentido, a **segunda** questão buscou identificar se o professor conseguia estabelecer uma conexão entre os conteúdos de Geografia e o cotidiano dos alunos. Para isso, foi perguntado aos participantes se eles acreditavam que o professor realizava essa relação em suas aulas. Os resultados mostraram que cinco alunos (55%) responderam que o professor “às vezes” faz a relação entre os conteúdos de Geografia e o cotidiano; três alunos (33%) afirmaram que isso ocorre “raramente” e apenas um aluno (11%) declarou que essa relação acontece “sempre”.

Os dados, revelados no Gráfico 2, indicam que, embora haja tentativas de contextualizar o ensino, essa prática ainda não se tornou constante. Tal constatação é relevante, pois atesta que o ensino da Geografia, em alguns casos, ainda se mantém distante da realidade vivida pelos alunos, o que pode dificultar a aprendizagem significativa.

Gráfico 2 – Relação entre os conteúdos geográficos e o cotidiano dos discentes



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O Gráfico 2 indica que a maior parte dos alunos reconhece alguma tentativa de vincular os conteúdos à sua realidade, mas indica que essas práticas ainda são pontuais. Segundo Freire (1996), ensinar é um ato de diálogo, e o diálogo só acontece quando o educador reconhece e valoriza o saber do educando. Portanto, a contextualização dos conteúdos é uma forma concreta de promover esse diálogo pedagógico, fazendo com que o aluno se veja como sujeito do

processo de aprendizagem. A ausência dessa relação pode transformar o ensino em uma prática meramente expositiva, desvinculada da experiência concreta dos estudantes.

Em conformidade com essa perspectiva, Callai (2010) defende que o ensino de Geografia deve ter como ponto de partida o lugar, entendido como o espaço vivido e experienciado pelos sujeitos. É no lugar que as relações sociais, econômicas e culturais se materializam, constituindo-se como a base para o raciocínio geográfico. Caso o professor ignore essa dimensão, o conteúdo tende a se tornar abstrato, distante e, muitas vezes, desmotivador. Assim, a contextualização deve ser vista como um princípio metodológico essencial, não como uma simples estratégia de ensino.

Por sua vez, Cavalcanti (2006) enfatiza que o conhecimento geográfico precisa ser construído de forma dinâmica, articulando a teoria com a prática e o local com o global. Ao relacionar os conteúdos com o cotidiano, o professor ajuda o aluno a assimilar os fenômenos espaciais de maneira mais concreta e crítica. Isso contribui para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, entendido como a capacidade de identificar, analisar e interpretar as interações entre sociedade e natureza. Dessa forma, a contextualização favorece a aprendizagem significativa e promove o engajamento dos estudantes.

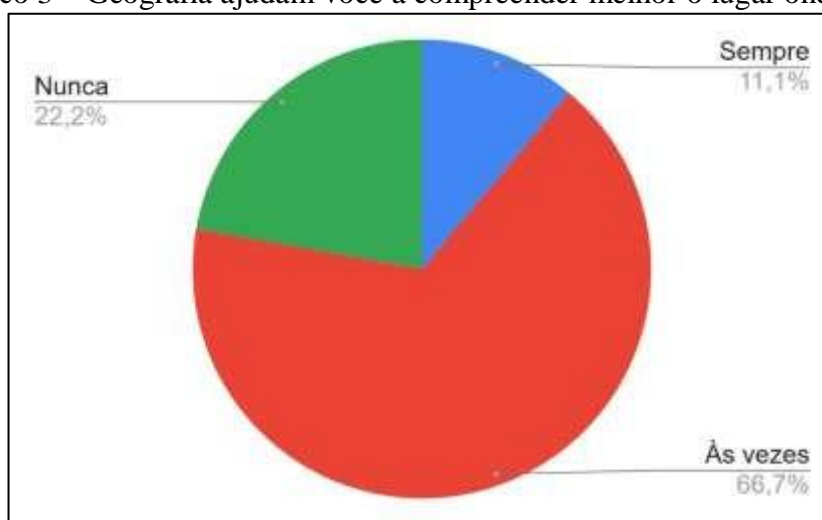
Além disso, a ausência de uma relação constante entre o conteúdo e o cotidiano reflete um desafio recorrente nas escolas rurais: a falta de recursos e formação continuada dos professores. Lüdke e André (2013) destacam que o professor é o mediador entre o conhecimento científico e a realidade do aluno, e que sua prática deve ser reflexiva e contextualizada. Ignorar o contexto do educando é reduzir o ensino a um instrumento de reprodução de informações, esvaziando sua função formativa e transformadora. Portanto, a valorização das experiências dos alunos da zona rural é uma forma de tornar o aprendizado mais relevante e inclusivo.

Por fim, a análise dessa questão mostra a importância de um ensino de Geografia comprometido com a realidade concreta dos educandos. Conforme Freire (1996), a verdadeira educação acontece quando o aluno é convidado a pensar criticamente sobre o mundo em que vive. Nesse sentido, relacionar os conteúdos à vida cotidiana é um passo fundamental para transformar a sala de aula em um espaço de reflexão e emancipação. Assim, o papel do professor vai além de ensinar conceitos: ele deve ajudar o aluno a interpretar o espaço como uma construção social, histórica e viva, na qual ele próprio é agente de transformação.

A análise dessa questão permitiu identificar que, embora existam tentativas de aproximar o conteúdo à realidade dos alunos, essa prática ainda não ocorre de forma contínua. Isso levanta a necessidade de repensar se as aulas realmente contribuem para que os estudantes percebam e interpretem o espaço em que vivem.

Nessa perspectiva, a **terceira** pergunta buscou saber dos participantes se as aulas de Geografia os ajudavam a compreender melhor o lugar onde viviam (comunidade, bairro ou zona rural). Os resultados referentes a essa questão (Gráfico 3) indicam que seis alunos (66,7%) afirmaram que as aulas de Geografia “às vezes” ajudam; um aluno (11,1%) respondeu “sempre”, e dois alunos (22,2%) disseram “nunca”. Esses dados revelam uma percepção parcial sobre o papel da Geografia na compreensão do espaço vivido. Embora a maioria reconheça algum vínculo entre o conteúdo e a realidade local, ainda é perceptível uma lacuna quanto à efetiva integração entre teoria e prática no ensino.

Gráfico 3 – Geografia ajudam você a compreender melhor o lugar onde vive



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O Gráfico 3 mostra uma predominância da resposta “às vezes”, o que demonstra que a relação entre o ensino e o cotidiano ocorre de forma esporádica. De acordo com Santos (1996), o espaço geográfico é o resultado da interação entre sistemas de objetos e sistemas de ações; logo, compreender o lugar implica entender as relações sociais, econômicas e naturais que o compõem. Se o ensino não conduz o aluno a refletir sobre essas relações, ele perde sua função formativa e crítica. A escola deve ser o espaço onde o estudante aprende a ler o mundo a partir de sua própria realidade, tornando-se sujeito ativo da transformação do território em que vive.

A análise desses dados confirma a importância de um ensino geográfico contextualizado. O estudo do lugar é essencial para a formação do raciocínio geográfico, pois é nele que as experiências ganham sentido e se transformam em conhecimento (Callai, 2010). Observar a comunidade, o campo, a natureza e as práticas agrícolas, leva o aluno a desenvolver uma leitura espacial mais ampla, percebendo-se como parte integrante das dinâmicas ambientais e sociais. Dessa forma, as aulas de Geografia devem partir do local vivido para



alcançar o global, articulando os conceitos de espaço, paisagem, território e lugar com as vivências cotidianas.

Ademais Freire (1996) destaca que o conhecimento é construído no diálogo e na problematização da realidade. Assim, o professor que propõe reflexões sobre o espaço vivido incentiva o aluno a entender sua própria condição no mundo, desenvolvendo consciência crítica e sentimento de pertencimento. Assim, a Geografia deixa de ser uma disciplina apenas informativa e passa a ser formadora de cidadania, ajudando o estudante a interpretar e intervir na realidade em que está inserido. O aprendizado se torna, portanto, um ato político e libertador.

Por outro lado, a presença de respostas que indicam que as aulas “nunca” ajudam a compreender o lugar vivido evidencia desafios que ainda precisam ser enfrentados. A ausência de práticas pedagógicas contextualizadas pode estar relacionada à falta de recursos, à rigidez curricular ou à escassez de formação continuada dos professores. Conforme Cavalcanti (2006), a Geografia escolar deve articular o conhecimento científico ao cotidiano, aproximando teoria e prática de modo que o ensino não se limite à memorização de conceitos, mas favoreça a reflexão sobre a realidade concreta.

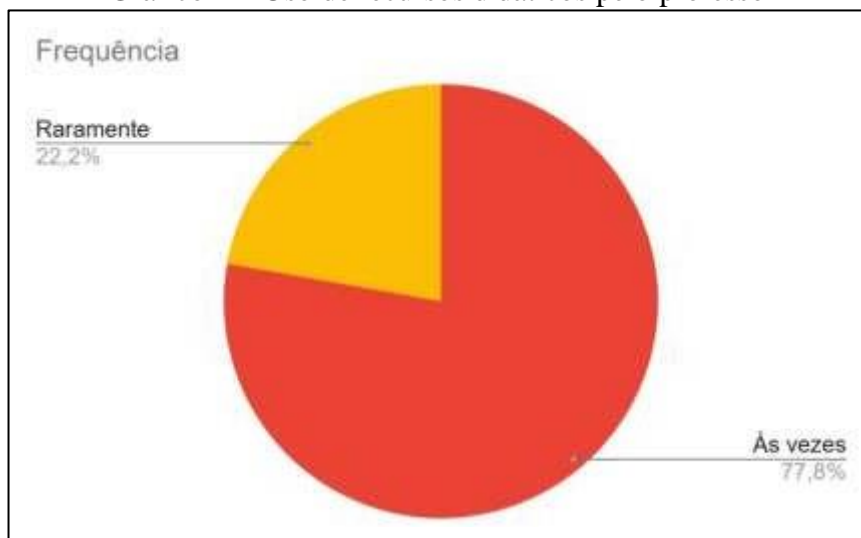
Por fim, a análise dessa questão atesta que o ensino de Geografia deve valorizar o espaço vivido como ponto de partida para a aprendizagem. Segundo Vesentini (1987), o papel da Geografia é formar cidadãos conscientes de seu papel no espaço e nas transformações sociais. A leitura crítica do território é um caminho para identificar os problemas locais e propor soluções sustentáveis. Assim, ao promover aulas que envolvam o cotidiano e o ambiente em que o aluno vive, o professor contribui para a formação de sujeitos reflexivos, aptos a compreender e transformar sua comunidade.

Os resultados da questão anterior confirmam que o ensino de Geografia se torna mais relevante se ele parte da vivência local, permitindo que o aluno construa uma leitura crítica do espaço vivido. No entanto, entender o território também exige instrumentos pedagógicos que facilitem a visualização e a interpretação dos fenômenos espaciais.

Para contemplar essa questão, a **quarta** pergunta quis saber dos estudantes se o professor utiliza recursos como mapas, vídeos, imagens ou atividades práticas durante as aulas. Os resultados, conforme Gráfico 4, indicam que sete alunos (78%) responderam que o professor “às vezes” utiliza os recursos didáticos citados nas aulas de Geografia, enquanto dois alunos (22%) afirmaram que isso ocorre “raramente”. Nenhum estudante marcou as opções “sempre” ou “nunca”, o que indica que, embora haja o uso ocasional de recursos, ele ainda não é uma prática constante. Essa limitação reflete a realidade de muitas escolas públicas, sobretudo nas

áreas rurais, que enfrentam dificuldades relacionadas à falta de infraestrutura e à escassez de materiais pedagógicos.

Gráfico 4 – Uso de recursos didáticos pelo professor



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O uso de recursos didáticos é essencial para tornar as aulas mais dinâmicas e significativas. Segundo Cavalcanti (2006), a Geografia é uma disciplina que exige múltiplas formas de representação, pois trabalha com fenômenos espaciais que precisam ser visualizados, compreendidos e interpretados. Assim, o emprego de mapas, vídeos, imagens e maquetes permite ao aluno desenvolver habilidades de leitura espacial e entender o espaço como produto das relações entre sociedade e natureza. Se o professor fizer uso desses instrumentos, ele ampliará as possibilidades de aprendizagem e facilitará a construção do raciocínio geográfico.

O uso de materiais concretos também aproxima o conteúdo da realidade do aluno, tornando o ensino mais acessível e participativo. Callai (2010) destaca que os recursos visuais e práticos contribuem para a valorização do lugar vivido, pois permitem ao estudante reconhecer no mapa, nas imagens e nas observações de campo aspectos do seu cotidiano. Isso favorece o sentimento de pertencimento e ajuda o aluno a assimilar que a Geografia não se resume a nomes e conceitos, mas está presente em todas as dimensões da vida cotidiana.

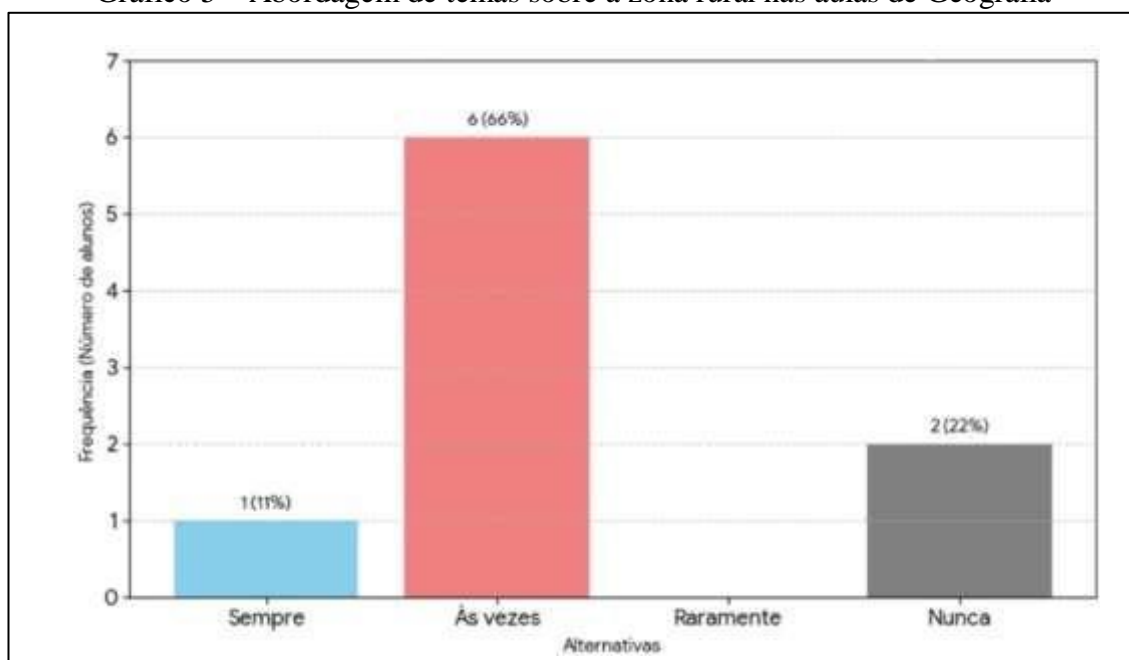
Em contrapartida, a ausência de recursos didáticos revela a persistência de um modelo de ensino tradicional e expositivo, que ainda prevalece em muitas escolas. Freire (1996) critica esse tipo de prática, chamando-a de “educação bancária”, em que o aluno apenas recebe informações sem participar ativamente da construção do conhecimento. Lüdke e André (2013) defendem que o professor deve atuar como mediador, promovendo experiências pedagógicas que estimulem a observação, a análise e a reflexão crítica. Portanto, investir no uso de recursos

didáticos não é apenas uma questão metodológica, mas também uma estratégia de inclusão e motivação, especialmente no contexto rural, onde o cotidiano pode se tornar o principal laboratório de aprendizagem geográfica.

A análise demonstrou que, embora o uso de recursos didáticos ocorra em algumas situações, ele ainda é limitado, o que restringe o potencial de aprendizagem e a contextualização dos conteúdos. Diante disso, tornou-se relevante investigar se o professor aborda temas que representem o cotidiano dos alunos e valorizem o ambiente rural.

Nesse sentido, a **quinta** questão buscou identificar se as atividades em sala de aula costumam envolver exemplos da zona rural ou da vida no campo. Os resultados dessa questão, expostos no Gráfico 5, mostram que seis alunos (66%) responderam que o professor “às vezes” utiliza exemplos da zona rural nas aulas; dois alunos (22%) afirmaram que isso “nunca” ocorre e apenas um aluno (11%) indicou que essa abordagem acontece “sempre”. Esses dados revelam que a realidade rural ainda é pouco explorada nas práticas pedagógicas, mesmo sendo o contexto de vida da maioria dos estudantes. Essa lacuna reforça a necessidade de um ensino de Geografia que valorize o território, reconhecendo o campo não apenas como espaço de produção, mas também de cultura, identidade e saberes locais.

Gráfico 5 – Abordagem de temas sobre a zona rural nas aulas de Geografia



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Os resultados do Gráfico 5 indicam que o cotidiano rural, embora presente em algumas discussões, ainda é tratado de forma pontual. Essa ausência de valorização do espaço vivido

contraria o que defende Callai (2010), ao afirmar que o lugar deve ser o ponto de partida do ensino de Geografia. O lugar, entendido como o espaço onde se concretizam as relações sociais, constitui o elo entre o aluno e o conhecimento geográfico, transformando as experiências cotidianas em fontes de aprendizado crítico e reflexivo.

A valorização da realidade local é também um princípio defendido por Freire (1996), que propõe uma pedagogia baseada no diálogo e na escuta dos saberes dos educandos. O autor argumenta que o processo educativo deve partir do “mundo vivido” dos alunos, pois é nele que se constroem as condições para o conhecimento significativo. Como afirma Freire (1996, p. 22), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, e é a partir desse respeito que o professor consegue estabelecer pontes entre o conhecimento científico e a experiência cotidiana. Assim, ao inserir temas da zona rural, como agricultura, clima, uso do solo, recursos hídricos e modos de vida nas aulas de Geografia, o professor torna o conteúdo mais próximo e relevante, fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade territorial.

Além disso, interpretar o espaço rural é fundamental para a construção do raciocínio geográfico. Santos (1996) lembra que o espaço é o resultado da interação entre sistemas de objetos e de ações, e que o campo é um espaço dinâmico, onde as relações entre natureza e sociedade se manifestam de forma intensa. Em consonância, Cavalcanti (2006) enfatiza que o ensino deve promover a leitura crítica dessas relações, estimulando os alunos a compreenderem as transformações socioambientais e a importância da sustentabilidade no campo. Assim, o estudo da realidade rural contribui para que o aluno perceba seu território como um espaço de possibilidades e não apenas de carências, incentivando uma postura crítica e ativa diante dos desafios do meio em que vive.

Esses dados revelaram que a realidade rural é abordada eventualmente nas aulas, o que mostra a necessidade de um ensino mais próximo do espaço vivido. Diante dessa constatação, procurou-se compreender se os alunos reconhecem o potencial da Geografia como disciplina que pode gerar mudanças positivas em seu entorno.

Por isso, quando perguntado se os participantes acreditavam que o estudo de Geografia pode contribuir para melhorar a comunidade onde moram, os resultados (exibidos no Quadro 1) indicaram que a maioria dos alunos reconhece o potencial da Geografia como instrumento de transformação social. Entre os nove participantes, sete (78%) responderam “sim”, acreditando que o estudo da disciplina pode contribuir para a melhoria da comunidade; dois alunos (22%) marcaram “não sei opinar”, e nenhum escolheu a opção “não”. Esses dados revelam que os estudantes percebem a Geografia como uma disciplina prática e significativa,

que explica as dinâmicas do espaço e auxilia na resolução dos problemas locais, como o uso inadequado do solo, as queimadas e o desmatamento.

Quadro 1 – Percepção sobre a contribuição da Geografia para a melhoria da comunidade

Alternativa	Frequência	Percentual
Sim	7	78%
Não Sei opinar	0	0%
Não	2	22%
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O Quadro 1 mostra de forma clara que todos os alunos reconhecem, em maior ou menor grau, a importância da Geografia para a comunidade. Essa percepção vai ao encontro do que afirma Freire (1996), ao defender que a educação deve promover a consciência crítica e libertadora. Para o autor, aprender não é um ato passivo, mas um processo de descoberta e intervenção no mundo. Um ensino de Geografia que desperte o olhar reflexivo sobre o espaço vivido, permite aos estudantes apreender as causas e consequências dos problemas ambientais e sociais que afetam seu território, estimulando atitudes transformadoras.

De acordo com Callai (2010), o estudo do lugar é essencial para que o aluno entenda sua responsabilidade nas transformações do espaço. Para a autora, a Geografia deve possibilitar ao educando perceber-se como sujeito histórico, que participa da produção do território e é afetado por suas dinâmicas. A escola, ao trabalhar temas ligados ao cotidiano, como agricultura, preservação da água, queimadas e convivência com o semiárido, estimula o senso de pertencimento e o compromisso com a melhoria da comunidade.

Em adição, Santos (1996) afirma que o espaço é o resultado das ações humanas sobre a natureza. Assim, compreender o espaço significa entender o mundo, e é por meio do conhecimento geográfico que o aluno aprende a interpretar os processos sociais e ambientais de sua realidade. Nesse viés, Vesentini (1987) defende que o ensino de Geografia deve ter compromisso político e social, formando cidadãos críticos e participativos. Dessa forma, ao reconhecer a importância da disciplina para o desenvolvimento local, os estudantes demonstram que percebem a escola como um espaço de reflexão e mudança.

Por fim, essa questão aponta que o ensino de Geografia pode e deve ultrapassar os limites da sala de aula, tornando-se um meio de ação social. A formação de um pensamento geográfico crítico permite que o aluno entenda a realidade, proponha alternativas e aja coletivamente em prol da comunidade, reafirmando o papel transformador da Geografia na formação cidadã e ambiental, especialmente no contexto rural, onde o conhecimento sobre o território e seus recursos é essencial para a sustentabilidade e o bem-estar da população.

Com base nos resultados quantitativos apresentados, foi possível compreender as tendências gerais das respostas dos alunos em relação ao ensino de Geografia, seu interesse pela disciplina e a forma como percebem a relação entre o conteúdo e o cotidiano. Entretanto, para além dos dados numéricos, tornou-se necessário aprofundar a análise a partir das questões abertas, que possibilitaram apreender as percepções, experiências e sentimentos dos estudantes sobre o processo de aprendizagem.

#### 4.2 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS QUALITATIVOS

A etapa qualitativa permitiu apreender aspectos subjetivos e reflexivos das respostas, evidenciando como o cotidiano, o lugar e a realidade rural influenciam a construção do raciocínio geográfico dos participantes. Esse método possibilitou uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos educacionais, buscando interpretar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências (Lüdke; André, 2013).

A seguir, são apresentadas e discutidas as questões abertas, com o intuito de compreender de que maneira os alunos relacionam suas experiências com o aprendizado da Geografia e com o espaço em que vivem.

Ao serem questionados sobre a influência do cotidiano no aprendizado de Geografia, muitos participantes relataram que o conteúdo faz sentido quando está ligado às suas vivências, especialmente às atividades agrícolas e às condições ambientais do campo. As falas indicaram que os alunos compreendem melhor os fenômenos nas aulas que abordam temas como o clima, o solo e as formas de uso da terra.

De acordo com Freire (1996), o processo de ensino deve partir da realidade concreta dos educandos. O autor defende que o conhecimento é construído no diálogo e na valorização das experiências de vida dos alunos. Nesse sentido, o cotidiano atua como ponto de partida para a compreensão dos conteúdos escolares, permitindo que o estudante relacione o que aprende na sala de aula com o que vivencia fora dela. Se essa dimensão é ignorada, o ensino se torna distante e abstrato, dificultando o desenvolvimento da consciência crítica.

As falas dos alunos também revelam que o cotidiano rural oferece múltiplas oportunidades de aprendizado geográfico. Ao observar fenômenos como o relevo, o solo, as chuvas e as transformações da paisagem, os estudantes exercitam o raciocínio geográfico e aprendem sobre a relação entre sociedade e natureza. O estudo do lugar é essencial porque é nele que as relações humanas se concretizam (Callai, 2010). Assim, o espaço vivido deve servir

como fonte de conhecimento, permitindo ao aluno perceber que a Geografia está presente em todos os aspectos de sua vida.

Assimilar o cotidiano como recurso pedagógico ajuda a consolidar o sentimento de pertencimento e a identidade territorial. Como já citado, o espaço resulta da articulação inseparável entre sistemas de objetos e sistemas de ações (Santos, 1996), perspectiva que destaca a ideia de que ele constitui o próprio lugar onde as pessoas vivem, trabalham e interagem. Assim, a Geografia deve possibilitar que o aluno apreenda o espaço a partir de sua realidade, reconhecendo-se como parte integrante das dinâmicas sociais e ambientais que o conformam.

Por fim, essa questão confirma que o cotidiano é uma poderosa ferramenta para o ensino de Geografia, pois aproxima o conteúdo da realidade dos alunos e estimula a reflexão crítica sobre o espaço vivido. Incorporar as experiências diárias ao planejamento das aulas transforma o ato de aprender em uma experiência significativa. Como afirma Freire (1996), “[...] ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Assim, o cotidiano não é apenas o contexto, mas o próprio caminho pelo qual o conhecimento geográfico se constrói e se transforma em consciência social.

Ao serem indagados sobre quais temas da Geografia consideravam mais importantes para compreender a realidade da zona rural, os participantes reconheceram a relevância de conteúdos diretamente ligados ao seu contexto de vida. Os tópicos mencionados pelos estudantes foram associados à compreensão da vida no campo e às transformações decorrentes das mudanças econômicas e ambientais. Essa valorização do território rural evidencia uma visão crítica e contextualizada do espaço, em consonância com Porto-Gonçalves (2006), que entende o território como uma construção social, histórica e identitária.

Os assuntos mais citados foram agricultura, meio ambiente, clima, relevo e uso da terra, comprovando que os estudantes compreendem a Geografia como uma disciplina que explica o funcionamento do espaço rural. Um dos alunos afirmou: “*O mais importante é aprender sobre o tempo e a chuva, porque é isso que muda a plantação*”, enquanto outro destacou: “*A Geografia ensina como cuidar da natureza e da terra*”. Esses relatos indicam que os alunos relacionam o conhecimento geográfico ao cotidiano agrícola e à preservação ambiental, mostrando uma percepção concreta do espaço vivido.

A valorização dos temas ambientais e rurais confirma a necessidade de um ensino contextualizado, que dialogue com o universo dos estudantes. Segundo Callai (2010), o ensino de Geografia deve partir da leitura do lugar, compreendido como o espaço da vida e das experiências humanas. A autora acrescenta que o ensino deve promover uma “educação do

lugar”, na qual o conhecimento seja construído a partir da observação, da vivência e do sentimento de pertencimento dos alunos.

As observações dos alunos atestam a importância de partir do espaço vivido como base do processo educativo. Conforme defende Callai (2010), o lugar é o ponto de partida para a construção do raciocínio geográfico, pois representa o espaço onde se realizam as experiências e se constroem as identidades. Assim, ao relacionar o conhecimento escolar com as práticas diárias dos alunos, o ensino de Geografia torna-se mais significativo e formativo.

Além disso, a escolha desses temas demonstra uma consciência ambiental em formação. De acordo com Santos (1996), o espaço é resultado da ação humana sobre a natureza, e inteirar-se de suas transformações é fundamental para propor soluções sustentáveis. Ao apontarem o meio ambiente e o uso da terra como temas importantes, os alunos apresentam sensibilidade para os desafios ecológicos e sociais que afetam o campo, como as queimadas, o desmatamento e a escassez de água. Essa percepção sublinha que a Geografia pode contribuir para o desenvolvimento de uma educação ambiental crítica e participativa, voltada à convivência sustentável com o semiárido.

Por fim, a presença dos temas ligados ao trabalho rural e à natureza nas respostas atestam o potencial transformador do ensino de Geografia. Conforme Cavalcanti (2006), o papel do professor é articular os conteúdos científicos à realidade social dos alunos, superando o ensino baseado apenas na memorização. Essa articulação faz com que o aluno compreenda que a Geografia não trata apenas de mapas e capitais, mas de sua própria vida, do solo em que pisa e da comunidade em que vive. De modo geral, as respostas à questão proposta confirmam que, quando a Geografia dialoga com o campo e com o meio ambiente, ela se torna uma ferramenta poderosa de leitura e de transformação do território.

Ao serem perguntados sobre o que poderia ser feito para tornar as aulas de Geografia mais interessantes e próximas de sua realidade, os alunos sugeriram o uso de vídeos, imagens, visitas a campo e exemplos da comunidade local. Essas sugestões confirmam seu ensejo por aulas mais dinâmicas, práticas, participativas e contextualizadas, que una teoria e vivência. Desse modo, o papel do professor é criar condições para que o aluno se torne sujeito ativo na construção do conhecimento geográfico, o que exige metodologias participativas e interativas (Cavalcanti, 2006).

A maioria dos estudantes mencionou que gostaria que o professor utilizasse mais recursos visuais e práticos. Um dos participantes afirmou: “*A aula fica melhor quando o professor mostra vídeos ou faz a gente desenhar o mapa do nosso povoado*”; outro destacou: “*Aprendo mais quando o professor fala das coisas daqui, da roça e da chuva*”. Essas falas



revelam que os alunos valorizam o aprendizado que parte do seu cotidiano, e desejam que a Geografia esteja mais próxima da realidade rural em que vivem.

De acordo com Freire (1996), a aprendizagem significativa ocorre quando o conhecimento é construído de forma dialogada, partindo da realidade concreta dos educandos. Para o autor, a educação deve respeitar e valorizar os saberes do aluno, transformando-os em ponto de partida para a construção do novo. Nesse sentido, as respostas dos estudantes realçam a importância de um ensino participativo e contextualizado, no qual o professor atue como mediador do conhecimento, e não apenas como transmissor de informações. Tornar as aulas de Geografia mais interessantes implica reconhecer que o aluno é sujeito ativo do processo educativo, com experiências e saberes que devem ser incorporados à prática pedagógica.

Outro aspecto apontado pelos alunos é a necessidade de atividades práticas e de observação do espaço vivido, como visitas à comunidade, estudo de campo e uso de tecnologias simples. Essa proposta está em consonância com o que defende Cavalcanti (2006), ao afirmar que o ensino de Geografia deve promover a articulação entre teoria e prática, de modo que o aluno assimile o espaço a partir da sua vivência e das relações que estabelece com o meio. Participando ativamente da observação e da análise do território, ele desenvolve o raciocínio geográfico, aprendendo a interpretar o espaço como resultado das ações humanas e naturais.

Além disso, os alunos manifestaram o desejo de que o professor aborde mais temas locais, como agricultura, clima, meio ambiente e convivência com o semiárido. Essa preferência reflete a necessidade de uma educação do lugar, defendido por Callai (2010). A autora enfatiza que o estudo do lugar permite ao aluno conhecer as dinâmicas do espaço e reconhecer-se como parte dele. A valorização do espaço rural, das tradições e das práticas locais contribui para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento. Assim, aproximar as aulas da realidade dos alunos significa reconhecer o território como espaço de saberes e experiências.

No entanto, algumas respostas revelaram também dificuldades, como a falta de tempo para estudar devido ao trabalho no campo e a carência de recursos didáticos nas escolas rurais. Um aluno, por exemplo, afirmou que as aulas “*são só no quadro*” e que “*não tem mapa nem globo*”, o que expõe o desafio estrutural ainda presente nas escolas. De acordo com Santos (1996), compreender o espaço implica reconhecer as contradições sociais que o compõem, neste caso, as desigualdades no acesso à educação e aos meios de aprendizagem.

Por fim, a análise das respostas confirma que tornar as aulas mais interessantes não depende apenas de recursos materiais, mas principalmente de metodologias significativas e de uma postura reflexiva do professor. Lüdke e André (2013) destacam que o educador deve adotar uma prática investigativa e crítica, que possa transformar o cotidiano em espaço de

aprendizagem. Já Santos (1996) afirma que o espaço é o palco das ações humanas, e que compreendê-lo é fundamental para transformar a realidade. Dessa forma, um ensino de Geografia que valorize o diálogo, a experiência e o contexto local, se torna mais envolvente e eficaz, ajudando o aluno a entender seu papel no mundo e em sua comunidade.

Na questão sobre como a Geografia pode contribuir para melhorar a comunidade, os alunos destacaram a importância do planejamento ambiental, do cuidado com a natureza e da organização do território rural. Muitos associaram o aprendizado geográfico à preservação do meio ambiente e à melhoria das condições de vida. Essa percepção reflete a função social da Geografia no campo educacional, como defende Vesentini (1987), ao afirmar que o ensino deve formar cidadãos conscientes, que compreendam e transformem o espaço em que vivem.

As respostas dos estudantes revelaram uma compreensão madura e consciente em relação ao papel social da Geografia. A maioria afirmou que a disciplina pode ajudar a comunidade a cuidar do meio ambiente, planejar melhor o uso da terra e valorizar os recursos locais. Um dos alunos destacou: “*A Geografia ensina a cuidar da natureza e não jogar lixo no rio*”, já outro disse: “*Ajuda a entender o lugar onde a gente mora e o que pode melhorar nele*”. Essas inferências indicam que os estudantes reconhecem a importância da Geografia para entender e intervir na realidade, atestando uma percepção crítica sobre os problemas e as potencialidades do território.

Freire (1996) aduz que a educação tem um papel libertador quando possibilita ao aluno assimilar as contradições do mundo e agir para transformá-lo. Nessa perspectiva, o ensino de Geografia, como um instrumento de conscientização e de cidadania ativa, contribui para formar sujeitos críticos e conscientes, que interpretem o espaço em que vivem e proponham soluções para os desafios ambientais e sociais. Estudar temas como o clima, o relevo, o uso da terra e os impactos das queimadas, auxilia os alunos a aprenderem a relacionar conhecimento e ação, desenvolvendo atitudes responsáveis em relação à natureza e à comunidade.

Dessa forma, levar o aluno a perceber as interações entre sociedade e natureza, é ajudá-lo a reconhecer seu papel nas mudanças do território. Essa apropriação é especialmente importante em contextos rurais, como o de Floriano-PI, onde as práticas de uso do solo e a preservação das nascentes exigem conhecimento e responsabilidade coletiva. Associando o conteúdo geográfico à vida cotidiana, o aluno entende que cada ação local tem impacto na organização do espaço e na sustentabilidade ambiental.

A valorização do território também foi mencionada nas respostas como fator essencial para o desenvolvimento da comunidade. Callai (2010) afirma que o estudo do lugar permite ao aluno reconhecer sua identidade e conceber o espaço como parte de sua história. Essa

consciência espacial fortalece o sentimento de pertencimento e estimula o envolvimento com as causas locais. Vesentini (1987) destaca que a Geografia deve formar cidadãos comprometidos com o bem comum, preparados para interpretar as desigualdades e propor alternativas para um desenvolvimento mais justo. Nesse sentido, o ensino da Geografia contribui não apenas para o conhecimento do território, mas para a formação de sujeitos críticos, solidários e participativos.

Em adição, é possível afirmar que as respostas dos alunos expressam uma visão de Geografia voltada para a transformação social e ambiental. Cavalcanti (2006) lembra que o ensino geográfico deve ir além da memorização, estimulando o aluno a refletir sobre os problemas de seu tempo e de seu espaço. Se o estudante compreende que o lugar onde vive é resultado das relações entre pessoas e natureza, ele passa a ver-se como agente de mudança. Dessa forma, o estudo da Geografia não apenas amplia o conhecimento, mas também desperta a consciência ecológica e cidadã, essencial para a construção de uma comunidade mais sustentável e solidária.

De modo geral, os resultados da pesquisa apontam a relevância do cotidiano como ponto de partida para o ensino de Geografia, sobretudo em contextos rurais. Os alunos valorizam a disciplina e reconhecem sua importância para entender o espaço em que vivem, embora enfrentem limitações estruturais e pedagógicas. A ausência de recursos didáticos, a carência de materiais visuais e a falta de contextualização contínua dos conteúdos foram apontadas como desafios ao desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Por outro lado, as respostas revelaram potencialidades significativas: o interesse dos estudantes, a valorização dos temas ligados à realidade rural e a consciência ambiental. Esses elementos demonstram que o ensino, ao se inserir na vivência concreta dos educandos, torna-se mais eficaz e formador.

A pesquisa corrobora o pensamento de Freire (1996), ao evidenciar que a educação deve respeitar os saberes dos alunos e promover a autonomia crítica. Também reafirma as contribuições de Callai (2010) sobre o estudo do lugar como caminho para o pertencimento e a formação cidadã, e de Santos (1996), que compreende o espaço geográfico como resultado das relações humanas e das práticas sociais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho teve como objetivo analisar de que maneira o cotidiano dos alunos do 9º ano da zona rural de Floriano-PI pode contribuir para a construção do raciocínio geográfico no

ensino de Geografia. A pesquisa foi fundamentada na necessidade de aproximar o conhecimento escolar da realidade dos estudantes, reconhecendo o espaço vivido como ponto de partida para uma aprendizagem mais significativa.

A análise dos resultados, por meio da abordagem mista, confirmou a relevância da proposta. Verificou-se um alto nível de interesse dos alunos pela disciplina de Geografia, o que sublinha o potencial da área para o desenvolvimento da consciência espacial e cidadã. Esse interesse se manifesta especialmente quando o conteúdo está relacionado às vivências no campo, abordando temas como agricultura, meio ambiente, clima e uso da terra. Assim, percebe-se que a valorização do cotidiano e do espaço local fortalece o aprendizado e desperta o gosto pela disciplina.

Contudo, observou-se que a contextualização dos conteúdos ainda não é uma prática constante, sendo apontada pelos alunos como algo que ocorre apenas em algumas situações. Essa falta de continuidade revela uma distância entre o conhecimento científico e as experiências cotidianas, o que limita a formação crítica e a compreensão do espaço vivido. As dificuldades também são acentuadas pela carência de recursos didáticos, como mapas e globos, que ainda são escassos em muitas escolas da zona rural.

Apesar desses desafios, os alunos reconhecem o papel social e educativo da Geografia. A maioria acredita que a disciplina pode contribuir para melhorar a comunidade em que vivem, principalmente por meio do planejamento ambiental, do cuidado com a natureza e da valorização do território rural. Essa percepção mostra que os estudantes veem o conhecimento geográfico como uma ferramenta de transformação social e ambiental, capaz de promover atitudes conscientes e sustentáveis.

De modo geral, o estudo confirmou que o cotidiano dos alunos da zona rural de Florianópolis é um elemento essencial na construção do raciocínio geográfico. É por meio das vivências e experiências locais que o aluno se reconhece como parte do espaço e percebem as relações entre sociedade e natureza. A adoção de práticas pedagógicas mais dinâmicas, participativas e contextualizadas é fundamental para tornar o ensino de Geografia mais significativo e próximo da realidade dos estudantes.

Como limitações do estudo, aponta-se que a amostra e o recorte geográfico foram restritos, o que pode ser ampliado em pesquisas futuras. Ademais, não houve observações diretas das práticas pedagógicas, impossibilitando verificar em que medida os professores de Geografia aplicam metodologias ativas ou utilizam recursos didáticos mais atrativos e dinâmicos nas aulas. Assim, estudos futuros podem incluir um número maior de participantes,

diversificar os instrumentos de coleta de dados e explorar como a interdisciplinaridade pode favorecer a aprendizagem contextualizada.

Este estudo reitera que o desenvolvimento do raciocínio geográfico se consolida quando a escola estabelece conexões entre o conhecimento teórico e a vida concreta no campo, permitindo que os alunos entendam o território em que vivem e se tornem agentes ativos na transformação da sua comunidade. O ensino de Geografia, baseado na realidade e na experiência, torna-se um instrumento de compreensão, valorização e cuidado com o espaço vivido.

Assim, conclui-se que o ensino de Geografia nas escolas da zona rural de Floriano-PI deve ser construído a partir do cotidiano dos estudantes, reconhecendo a riqueza dos saberes locais e as experiências vividas no campo. Desse modo, a Geografia deixa de ser uma disciplina de memorização e passa a constituir-se como instrumento de leitura crítica do mundo, contribuindo para a formação de sujeitos conscientes de seu papel no território e na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/bncc>. Acesso em: 23 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**: diversidade e inclusão. Brasília: MEC/SECADI, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/diretrizes>. Acesso em: 23 abr. 2025.

CALLAI, H. C. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2010.

CAVALCANTI, L. de S. Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: ROSA, D. E. G. *et al.* **Formação de professores**: concepções e práticas em Geografia. Goiânia: Editora Vieira, 2006. p. 27–50.

FERNANDES, B. M.; TARLAU, R. Razões para mudar o mundo: a educação do campo e a contribuição do PRONERA. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 140, p. 545-567, jul./set. 2017. DOI: 10.1590/ES0101-73302017180679.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57–63, mar./abr. 1995. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLpVgpnNkCgmnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2025.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A reinvenção dos territórios: a experiência latino-americana e caribenha. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2006. p. 137–168.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Hucitec, 1996.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VESENTINI, J. W. O método e a práxis (notas polêmicas sobre geografia tradicional e geografia crítica). **Terra Livre**, [s. l.], n. 2, 1987. DOI: 10.62516/terra\_livre.1987.44. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/44>. Acesso em: 20 out. 2025.

VIANA, V. A. *et al.* Pesquisas qualitativas e quantitativas na educação: limitações e potencialidades. In: SOUZA, L. H. R.; CARDOSO, B. L. C.; NUNES, C. P. **Análise de dados quantitativos na educação**. 1. ed. Recife: Omnis Scientia, 2024. p. 60–67. 1 v. *E-book*. Disponível em: <https://editora.editoraomnisscientia.com.br/livroPDF/268-05728245641-18092024173948.pdf>. Acesso em: 24 out. 2025.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

#### A GEOGRAFIA DO COTIDIANO E A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO: UM ESTUDO NUMA ESCOLA MUNICIPAL DA ZONA RURAL DE FLORIANO-PI

##### Identificação:

Questionário aplicado aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal localizada na zona rural de Floriano-PI.

---

##### Instruções ao participante

Este questionário faz parte de uma pesquisa acadêmica desenvolvida no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Sua participação é voluntária, e suas respostas serão utilizadas apenas para fins científicos, garantindo o sigilo e o anonimato.

Não há respostas certas ou erradas — o importante é sua opinião sincera.

---

##### PERGUNTAS FECHADAS

*(Marque com um “X” a alternativa que melhor representa sua opinião).*

1. Você gosta de estudar Geografia?

(    ) Sempre    (    ) Às vezes    (    ) Raramente    (    ) Nunca

2. O professor relaciona os conteúdos de Geografia com o seu cotidiano?

(    ) Sempre    (    ) Às vezes    (    ) Raramente    (    ) Nunca

3. As aulas de Geografia ajudam você a compreender melhor o lugar onde vive (sua comunidade, bairro ou zona rural)?

(    ) Sempre    (    ) Às vezes    (    ) Raramente    (    ) Nunca

4. O professor utiliza recursos como mapas, vídeos, imagens ou atividades práticas durante as aulas?

(    ) Sempre    (    ) Às vezes    (    ) Raramente    (    ) Nunca

5. As atividades em sala de aula costumam envolver exemplos da zona rural ou da vida no campo?

(    ) Sempre    (    ) Às vezes    (    ) Raramente    (    ) Nunca

6. Você acredita que o estudo de Geografia pode contribuir para melhorar a comunidade onde mora?

(    ) Sim        (    ) Não        (    ) Não sei opinar

### **PERGUNTAS ABERTAS**

*(Responda com suas próprias palavras).*

7. Como o seu cotidiano influencia o que você aprende nas aulas de Geografia?

---

---

---

8. Que temas da Geografia você considera mais importantes para entender a realidade da zona rural?

---

---

---

9. O que poderia ser feito para tornar as aulas de Geografia mais interessantes e próximas da sua realidade?

---

---

---

10. De que forma o estudo de Geografia pode ajudar a melhorar a vida na sua comunidade?

---

---

---